



Dossiê sobre Consulta aos Professores/as da Rede Estadual do Rio de Janeiro sobre Educação Remota

Rio de Janeiro
Maio 2020

Introdução

O Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Estado do Rio de Janeiro – Fórum EJA/RJ tem acumulado discussões em torno do debate sobre as especificidades que a Educação de Jovens e Adultos atravessa nesse cenário de distanciamento social causado pela propagação da COVID-19 no Brasil e no mundo. Nesse movimento, tem problematizado e debatido os impactos sobre as estruturas de oferta, permanência e conclusão da EJA no contexto atual e buscando estabelecer uma interlocução possível com uma realidade bem próxima - no caso a política de educação virtual implementada pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ) -, estabeleceu consulta aos professores e professoras da sobre a política educacional da rede estadual do Rio de Janeiro em tempos de pandemia.

A SEEDUC/RJ vem apresentando diferentes comunicações internas, *lives*, orientações pedagógicas e, por último, no dia 11 de maio de 2020, a Resolução SEEDUC nº 5843 na defesa e na garantia de sua proposta de educação remota em tempos de excepcionalidade. Como principal argumento, utiliza-se o direito dos alunos das escolas públicas da rede estadual ao *acesso à educação e aos conteúdos escolares*.

Desde 2012, a SEEDUC/RJ utiliza-se do Currículo Mínimo para todas as etapas e modalidades atendidas: etapa final do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Normal - formação de professores. Em todas as disciplinas constituintes dessas ofertas foram elaborados, em parceria com universidades públicas e a participação de um número restrito de professores da rede, uma proposta curricular específica. Destarte, com a proposição da educação remota, foram produzidos diferentes documentos para orientar pedagogicamente os profissionais da educação e o desenvolvimento das atividades, a saber: a) SEEDUC/SUGEN SEI nº22, *Orientações pedagógicas em relação à Plataforma Google for Education e ao conjunto de ferramentas que a compõem, em especial o Google Classroom*, publicado no dia 5 de abril de 2020, b) SEEDUC/SUGEN SEI nº26, que divulga o Plano de Ação Pedagógica, de 23 de Abril de 2020 e c) Resolução da SEEDUC/RJ nº 5843 que ‘orienta as unidades integrantes da Rede SEEDUC sobre o desenvolvimento de atividades escolares não presenciais e regularização de servidores, em caráter de excepcionalidade, enquanto permanecerem as medidas de isolamento previstas pelas autoridades estaduais como prevenção ao Coronavírus (COVID-19) e dá outras providências’, de 11 de maio de 2020. No entanto, nessas normatizações foram indicados, explicitamente, dois Documentos Curriculares de base para a elaboração do planejamento das atividades a serem propostas pelos docentes na plataforma *Google Classroom*: o **Currículo Básico** e a **BNCC**.

Vale o destaque de que tal questão fere o ordenamento legal da política educacional do estado, já que somente a BNCC do Ensino Fundamental foi regulamentada pelo Conselho Estadual de Educação e a BNCC do Ensino Médio ainda aguarda ser regulamentada. Como não temos clareza e nem regulamentação que justifica a substituição do antigo *Currículo Mínimo* para o *Currículo Básico*, indagamos: onde está disponibilizado o *Currículo Básico*? O mesmo foi regulamentado pelo CEE? A partir do questionário, podemos perceber que a maioria absoluta dos docentes, 59,2%, responderam planejar suas atividades pedagógicas com base no *Currículo Mínimo*. Consideramos que essa ação açodada da SEEDUC de modificar os documentos orientadores para o planejamento pedagógico aprofunda as dificuldades que os professores vivenciam nessa experiência de educação remota e entendemos que cria um processo de *desorientação curricular* grave, que em contexto de imposição da educação remota ganha contornos dramáticos.

Um exemplo desse quadro foi o envio, durante a semana de 10 a 15 de maio, para a residência dos alunos que não podem acessar a plataforma as *atividades autorreguladas* sem que nenhum estudo sério fosse disponibilizado indicando o quantitativo de educandos nessa condição. Vale destacar que tais atividades foram produzidas em 2013 (no contexto de SAERJ, de Currículo Mínimo e etc.) e que ganharam uma nova 'capa', dando ar de novas para produções desatualizadas e fora do contexto atual. Com essa atitude, nos parece que a SEEDUC vai aprimorando a sua capacidade de 'requestrar' seus documentos curriculares e materiais de apoio para os estudantes numa tentativa de responder aos problemas e impossibilidades de se implementar, de forma séria e intencional, experiências de educação remota para os milhares educandos e professores de sua rede.

Consideramos que nossas reflexões e críticas devam ser balizadas com a escuta aos professores/as e, nesse sentido, e ainda impactados pela mudança nas orientações curriculares da SEEDUC em momento de tantas incertezas, indefinições e mudanças, o Fórum EJA realizou a consulta pública aos professores/as da rede estadual para tentar compreender como esses profissionais estão atuando em suas práticas pedagógicas e suas conclusões sobre a proposta apresentada e implantada.

Entre os dias 1º e 13 de maio de 2020, o questionário foi respondido por 155 professoras e professores. A identificação pessoal e da escola onde trabalham foi opcional e todas as outras respostas foram obrigatórias. Na sistematização, apresentada nesse dossiê, estão presentes gráficos e tabelas com as respostas de múltipla escolha ou com mais de uma opção, além de algumas respostas livres referentes a questões abertas. Com essa ação e sistematização, seguimos, em luta, por aqueles mais vulneráveis socialmente, seja em contexto de pandemia, seja em contexto de

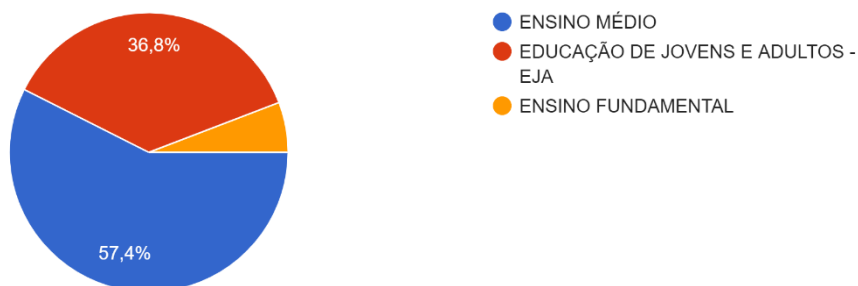
normalidade, que são os educandos da classe trabalhadora e principalmente, na defesa radical da Educação de Jovens e Adultos como direito.

1. DADOS GERAIS

A) Metropolitana da escola em que trabalha

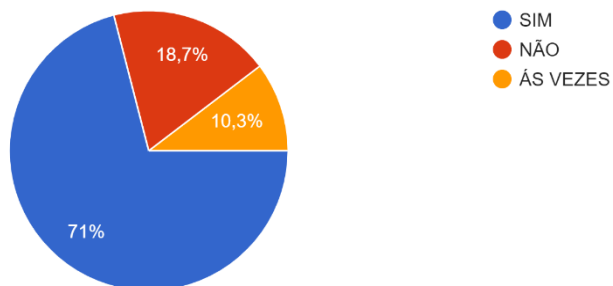
Metropolitana	Quantidade	Percentual (%)
Baixadas Litorâneas	16	10,3
Centro Sul	6	3,9
Médio Paraíba	1	0,6
Metropolitana I	8	5,2
Metropolitana II	8	5,2
Metropolitana III	33	21,3
Metropolitana IV	22	14,2
Metropolitana V	7	4,5
Metropolitana VI	22	14,2
Metropolitana VII	18	11,6
Noroeste Fluminense	-	-
Norte Fluminense	3	1,9
Serrana I	3	1,9
Serrana II	1	0,6
Diretoria Especial de Unidades Prisionais e Socioeducativas DIESP	7	4,5

B) Etapa ou Modalidade em que atua



2. Acesso à plataforma Google Classroom

A) Você tem acesso a Plataforma Google Classroom?



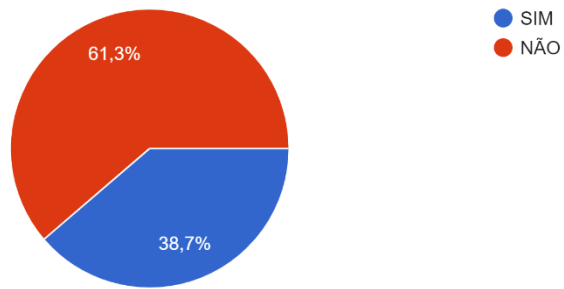
B) Você tem tido facilidade nesse acesso?

SIM	NÃO	ÀS VEZES	OUTROS
49 %	27,1 %	20 %	3,9 %

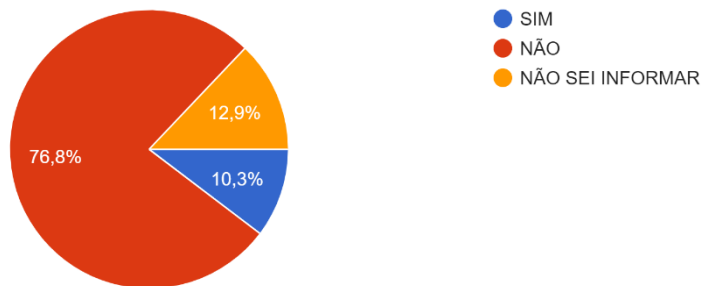
Na opção “outros”, destacam-se as seguintes respostas:

Eu não tenho acesso a plataforma pois atuo em privação de liberdade
A concorrência com outros três integrantes da família degrada a internet e não tem computador para todos
O Classroom da SEEDUC não consegui acesso, criei o meu.
Não acessei
Falta Computador
Sim, mas com recursos próprios e sem nenhum apoio da SEEDUC/RJ

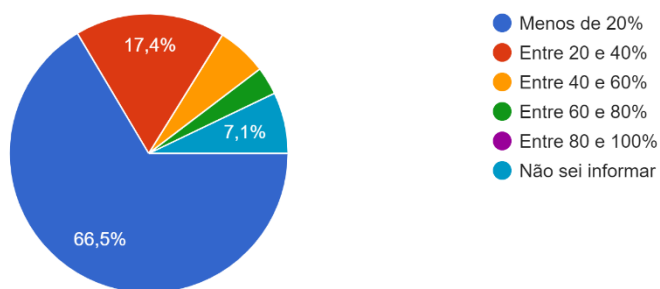
C) Você precisou comprar ou adquirir computadores, acessórios e dados de internet para possibilitar esse acesso?



D) Os alunos têm mantido regularidade na sala virtual de suas turmas?

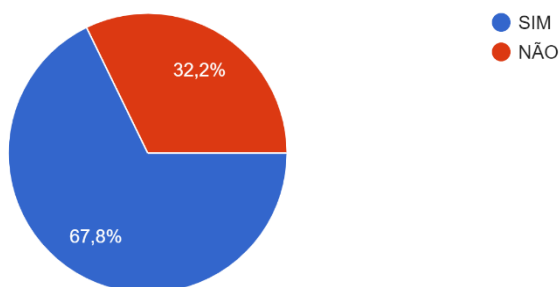


E) Em percentual de seus alunos, quantos estão acessando?

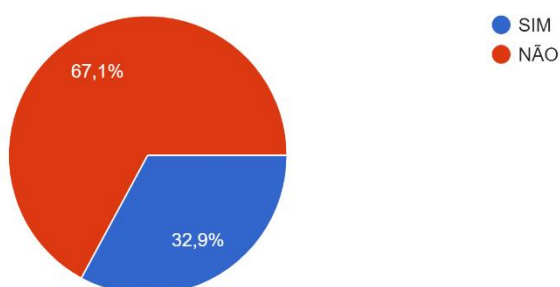


3. Conteúdos curriculares

A) Você tem acesso a esses dois documentos (Currículo Básico e BNCC)?



B) Você usa a BNCC para selecionar os seus conteúdos na plataforma?



C) Se você utiliza a BNCC como tem acesso ao documento?

RESPOSTAS	RESPOSTAS	PERCENTUAL (%)
Página do MEC*	28	18,3
Página da SEEDUC-RJ*	22	14,4
Não acessa*	83	54,2
Direção mandou pelo WhatsApp	01	0,7
Por outra rede de ensino	02	1,4
Uso o currículo Mínimo	02	1,4
Internet	04	2,8
Outros	10	7

*Opções que constavam do questionário.

D) Em relação ao Currículo Básico, citado no Plano de Ação, qual frase mais se aproxima de sua opinião?

FRASE	PORCENTAGEM
-------	-------------

Eu uso o documento denominado 'Currículo Mínimo'	59,2%
Não tenho conhecimento desse documento	18,4%
A SEEDUC-RJ disponibilizou esse documento antes da educação remota	17,8 %
A SEEDUC-RJ disponibilizou esse documento após da educação remota	4,6 %

4. Comentários livres sobre sua experiência em educação remota da SEEDUC/RJ¹

Meus alunos estão tendo muita dificuldade em acessar a plataforma, muitos por falta de internet, outros por não saberem usá-la, desta forma montei dois grupos no WhatsApp para passar para os meus alunos, os mesmos conteúdos que coloco na plataforma, porém, mesmo assim a adesão está sendo baixa.

Entendo que a educação EAD para a educação não é a melhor forma. Principalmente devido a questão excludente que nosso povo brasileiro faz parte, não sendo todos assistidos pela rede de Internet e nem mesmo equipamento para acesso as plataformas. Porém, diante do cenário em que vivemos de calamidade em virtude do covid-19. Vejo como alternativa plausível. Infelizmente a falta de planejamento costumeiro do serviço público, nunca houve m preparo para este tipo de situação. Fazendo com que tudo e feito na pressa.

Péssima experiência. Tenho dificuldades de acesso por morar em uma região que não recebe nenhum serviço de banda larga de nenhuma empresa e o sinal 3g é muito escasso. Precisei gastar dinheiro para comprar pacotes de dados para trabalhar. Ainda há as ameaças de lançamento de faltas caso você não poste conteúdos na plataforma. Também fiquei doente devido ao uso da plataforma. Estou há uma semana com os dois braços inchados e doloridos em decorrência de uma tendinite após um dia de aulas pelo Classroom.

Não fomos consultados sobre isso, foi uma imposição da SEEDUC e os diretores/coordenadores fazem cobranças a todo momento. Quem se recusa a realizar o trabalho sofre assédio moral. Além disso, a dificuldade é maior ainda para os alunos da EJA.

Mesmo demorando uma semana para a adaptação, aprendi acessar a plataforma e tenho utilizado para estar em contato com os alunos. No entanto, sou crítica à forma como está plataforma está sendo implementada e como a EAD tem sido apresentada pelo governo do Estado. Sabemos que existe uma real intenção em precarizar ainda mais o trabalho dos profissionais da educação e, além disso, existe um movimento de diminuir a oferta da EJA na rede público. Entendo que está plataforma poderá ser utilizada a fim de substituir as aulas presenciais da EJA, acabando de vez com essa modalidade mas escolas.

Poucos alunos acessam. Das 6 turmas na qual leciono não consigo interagir diretamente com nenhum aluno. Não consigo mensurar quantos alunos acessam, o retorno das atividades que

¹ Em função do número alto de respostas, selecionamos as respostas com mais de três linhas e, portanto, com maior poder de argumentação

propus é ínfimo: o maior retorno que obtive foi de 3 alunos de uma turma que fizeram a atividade.

A complicação maior se deu por conta dos novos logins criados especificamente para este fim. Por sorte, eu mantenho grupos com algumas turmas e pude auxiliá-los no cadastro. Alguns, entretanto, não possuem internet em casa ou um pacote de dados que suporte tal demanda. Outros não tem celular e eu não sei se eles estão cientes desse processo.

A SEEDUC impôs o uso de uma plataforma online (Google Classroom) para cumprir as 800h letivas sem treinamento, sem oferecer recursos para professores e alunos, sem decreto oficial. Temos apenas uma Deliberação do Conselho Estadual de Educação (Nº 376 de 23 mar.2020 — D.O. Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro — Ano XLVI – Nº055 – Parte 1 – 25 mar.20 — pg.15-16) e uma Circular Interna de "Orientações pedagógicas em relação à Plataforma Google for Education e ao conjunto de ferramentas que a compõem, em especial o Google Classroom" (CI SEEDUC/SUGEN SEI Nº22 de 05 abril de 2020). O que chega para nós, professores, são informações via WhatsApp pessoal ou pela grande mídia. E, na maioria das vezes, sem nenhum documento oficial. Não há um Plano de Ação Pedagógico claro da SEEDUC: É para dar conteúdo novo? É para manter apenas os alunos intelectualmente ativos? Será permitido a realização de avaliação? Será computada a frequência dos alunos? Se sim, como? Essas perguntas que deveriam ter sido respondidas no plano de ação que a SEEDUC não entregou para CEE até hoje, continuam sem respostas. NADA É OFICIAL. A única coisa que sabemos é as atividades nessa plataforma servirão para contabilizar as 800h/letivas mantida pelo Medida Provisória Nº 934, de 1º de abril de 2020. E mesmo assim, sem nenhum documento oficial da SEEDUC informando COMO isso será processado. O secretário, Pedro Fernandes, tem se limitado a mostrar nas mídias que está viabilizando recursos, como se os poucos recursos oferecidos, por si só, fossem suficientes. Eu tive sorte de já conhecer a plataforma Google Classroom. Em janeiro de 2020, participei de um minicurso sobre a plataforma Google Classroom. Mas isso foi iniciativa MINHA. Com nenhum recurso, estímulo, ou auxílio do Estado. Na minha escola inteira, que tem aproximadamente 100 professores para três turnos, somente eu e mais 2 colegas sabiam usar a plataforma. Houve um conflito interno entre professores se deveríamos ou não adotar o Google Classroom, por que sabíamos das limitações. Eu decidi utilizar porque, nos bastidores, sabíamos que a direção e coordenação pedagógica estavam sendo orientadas pela Metro III para fazer uma lista dos professores que estavam acessando à plataforma. Aliás, TODO O CORPO DIRETIVO foi inserido nas turmas digitais para "fiscalizar" o funcionamento da mesma. Como eu sei que o Governo do Estado tem jogado muito baixo, e uma hora ou outra vão utilizar isso contra nós, preferi entrar. A desobediência civil desorganizada, sem apoio da grande mídia, dos alunos e suas famílias não seria suficiente para barrar essas medidas. Participei como espectadora da videoconferência pública realizada pelo Deputado Flávio Serafini e em TODAS AS FALAS era unânime a solicitação da suspensão do ano letivo devido ao caráter excludente da educação não presencial via plataforma digital. Depois, acompanhei as ações do Ministério Público (com uma atuação fraca e nada eficaz), assim como do CEE contra as medidas tomadas pela SEEDUC, mas o Secretário simplesmente IGNOROU essas instâncias. Não mandou representantes para os debates ou para oferecer explicações, não seguiu as solicitações da CEE, não criou o Plano de Ação Pedagógico... O SEPE, por sua vez, entrou com uma ação pedindo a suspensão do ano letivo, mas fez uma defesa tão frágil, com argumentos tão simplórios, que a Juíza deferiu o pedido e ainda fez o SEPE passar vergonha. O SEPE esquece que seus argumentos devem ser com base nos PROFESSORES e não na educação como um todo! Depois, vi que até o Projeto de Lei do Flávio Serafini (PROJETO DE LEI Nº 2242/2020) para suspensão do ano letivo havia sofrido alterações e sabe Deus quando será votado! Se as instâncias legais não conseguem barrar uma medida tão excludente e inconstitucional como o uso de plataformas digitais para contabilizar horas letivas, também não será capaz de proteger os profissionais de educação! Segui as minhas ações na plataforma digital. Dando conteúdo novo. Como se estivesse em sala. Seguindo o meu planejamento e a minha consciência, somente. Sem apoio. Publico apenas uma atividade por semana. Ou uma vídeo aula para eles tomarem notas no caderno, ou um exercício de múltipla escolha por google formulários, ou análise de uma fonte primária. Não

consigo avaliar o quanto os meus alunos estão aprendendo de fato. Muitos continuam com o velho hábito de copiar e colar da internet.

Deficitária, estou tendo que aprender a navegar na plataforma ao mesmo tempo que dou as "aulas" com muitas aspás...porque a EXCLUSÃO social e digital impede que mais de 90% dos alunos não acessem a plataforma, o que por aí só, já seria uma sinal de alerta para se questionar essa modalidade da forma que está sendo implementada.

Está tranquila. Ocorre que ainda há baixa adesão dos estudantes, especialmente do EJA que tem bloqueios para além das limitações técnicas. Muitos estão criando a expectativa que tudo voltará logo ao normal e na volta eles irão colocar as coisa em dia presencialmente no colégio. Porém o EJA é semestral e o semestre provavelmente encerrar ainda no contexto da pandemia.

Meus colegas que acessam tem muitas críticas ao sistema e afirmam que ele aumenta a desigualdade social, pois limita o acesso de estudantes mais carentes, além de se colocar como uma forma péssima de ensino, visto que os professores da rede estadual não sabem lidar com a plataforma e não tem preparo algum para preparar conteúdo de qualidade para os alunos, conquanto nas escolas particulares o acesso é bastante aprimorado e diferenciado.

Os estudantes da escola vivem em um ambiente de vulnerabilidade social. Nesse momento alguns não tem o que comer. Acesso à internet é artigo de luxo. Alguns estudantes perderam a renda e nem dinheiro para colocar crédito no celular tem. A educação remota só funcionaria se houvesse uma democratização ao acesso de tecnologia e internet.

Desastrosa. Meus estudantes de modo geral não conseguem acessar a plataforma e essa dificuldade se acentuam significativamente das minhas turmas de EJA. Como cada módulo é semestral, eles estão desesperados com medo de reprovação e isso se soma à idade avançada e aos problemas no manejo das TIC's. Mesmo com a direção e o corpo docente da escola informando que ninguém será prejudicado ou avaliado com finalidades de se conferir nota.

Ainda penso que a experiência está muito baseada em acertos e erros, que é o que acontece em uma situação como essa. Principalmente levando em conta que tudo está sendo feito às pressas e em cima de uma exigência que não é pertinente nesse momento.

A minha experiência não tem sido boa, pois os alunos não conseguem acompanhar matemática desta forma, fazendo com que os alunos desestimulem, o entendimento da matéria que já era complicada presencialmente se tornou muito pior na educação remota, meus alunos não estão gostando desse método de aprendizagem.

A plataforma é de fácil utilização e tem muitos recursos, mas a maioria dos alunos não tem aparato tecnológico para que esses recursos sejam bem aproveitados. Tem dificuldade de acesso à internet, não possuem notebooks ou tablets e utilizam smartphones que muitas vezes não comportam os aplicativos que poderiam ser usados.

Não possuo experiência remota da SEEDUC/RJ, apenas pessoal. É muito difícil estudar a distância sabendo ler e escrever bem, tendo experiência em pesquisar temas na internet. Imagine ser alfabetizado a distância, sem apoio constante e sem a oportunidade de perceber as coisas através de diferentes formas. E a motivação que é um fator muito importante, como

trabalhar a personalidade de cada aluno, suas particularidades, dificuldades e individualidades a distância? E como lidar com as diferenças sociais que são uma triste realidade em nossa sociedade? Todos os alunos terão acesso aos materiais para os estudos, inclusive os tecnológicos? Essa modalidade de ensino, voltada para o público da EJA, tem realmente o intuito de alcançar o sucesso dos alunos e o progresso na recuperação de suas carreiras estudantis?

Faltam os alunos! Não pode dar certo como substituição de horas e dias letivos pelo simples fato de estarmos num país cuja desigualdade social não permite que a universalidade da educação seja atingido em formato a distância.

Confesso que não está funcionando. Muitos alunos não conseguem acessar porque não tem internet. Sem contar que estamos em meio à uma pandemia e é difícil ter saúde mental para agir como se nada estivesse acontecendo. Além disso, como promover uma educação eficaz nessas condições? Inviável

A plataforma é de fácil utilização e tem muitos recursos, mas a maioria dos alunos não tem aparato tecnológico para que esses recursos sejam bem aproveitados. Tem dificuldade de acesso à internet, não possuem notebooks ou tablets e utilizam smartphones que muitas vezes não comportam os aplicativos que poderiam ser usados.

A experiência com a educação remota tem sido extremamente complicada, pois não tivemos o devido treinamento com tal ferramenta, assim como, a própria prática docente fica prejudicada por não estar confortável com esse ambiente onde a troca de saberes tornou-se fria.

"Salas de aulas vazias". Angustiante saber que essa imposição da SEEDUC excluí ainda mais estudantes da EJA, constringendo muitos e contribuindo para criar mais incertezas nesse período de pandemia.

Eu uso a plataforma Google na rede privada há mais de dois anos e já usei a plataforma com uma turma de 3º ano na rede estadual há dois anos. Não tenho dificuldade para atuar em educação remota, pois já tenho experiência. É um momento de adaptação para todos, principalmente para o aluno em situação de vulnerabilidade. Conseguir a participação desse aluno é o grande desafio. Quando desenvolvi atividades utilizando o Google Classroom na turma de 3º ano do EM, tive cerca de 70% de adesão dos alunos. Os meus alunos da EJA são os que mais têm participado das atividades das aulas remotas neste período de distanciamento social.

O trabalho vem sendo cada dia mais penoso, por parte dos alunos fica difícil pra nós professores sabermos o real motivo do não acesso. Não sabemos se internet e as ferramentas para o uso das plataformas são precárias, não sabemos se está doente ou se simplesmente é desleixo. Por parte da direção são as planilhas que temos que entregar mensalmente, dizendo tudo que foi feito na Plataforma, e paralelo a isso as cobranças, se está usando o Meet, o Hangouts, o feed back da turma, as avaliações, é só um resumo do caos.

5. O que você indicaria como aspecto positivo dessa ação?²

Quanto ao aspecto positivo, vislumbrei a possibilidade de um crescimento profissional, pois como não tinha muitas habilidades para lidar com as mídias, e também a nossa internet que é deficitária, estamos procurando nos renovar dia a dia para ajudar nossos alunos a ter o mínimo de prejuízo possível, em tempos de Pandemia.

Não vejo aspecto positivo. Em tempos de PANDEMIA temos que aliviar as tensões dos Alunos, responsáveis e professores. O que vem sendo realizado são matérias intensas visando contemplar a carga horária do ano letivo.

O ponto positivo, na minha visão, foi o acesso que temos à plataforma Google. Utilizo para todas as aulas que preciso dar, no Estado ou não. Isso me poupou de certos aborrecimentos em outras instituições que sugeriram inclusive que eu comprasse uma conta no Google Empresarial. Após algumas reclamações, voltaram atrás. Como docente de Língua Portuguesa, tenho usado a plataforma para falar sobre questões da língua e assuntos que considero importante para a vida como um todo, concordância, figuras de linguagem, interpretação de texto.

Tornou possível aos alunos que já usavam a plataforma continuar com os estudos e ter contato com os professores através do fale com seu professor.

O aspecto positivo é a facilidade de acesso e transmissão de conteúdo, mas para que isso funcione de forma satisfatória todos os envolvidos (professores e alunos) precisam ter formação e condições técnicas de acesso.

É importante mantermos o vínculo aluno/escola. Para alguns alunos, perder esse vínculo pode afetar a perspectiva de realização de objetivos. Educação é muito mais que compartilhar conteúdos. Estamos promovendo adequação para novos rumos.

6. O que você indicaria como aspecto negativo dessa ação?³

A exclusão de professores e alunos por falta de recurso adequado e disponível. Tínhamos que ter um recurso tecnológico cedido pela esfera educacional. Estamos pagando o processo de EAD para o Estado funcionar com o seu objetivo, dá nojo!!

² Em função do número alto de respostas, selecionamos as respostas com mais de três linhas e, portanto, com maior poder de argumentação

³ Em função do número alto de respostas, selecionamos as respostas com mais de três linhas e, portanto, com maior poder de argumentação

O modo como foi IMPOSTO aos professores. Por ser uma plataforma PAGA pelo Estado. Por não contemplar aos alunos mais carentes, sem computadores e sem acesso à internet. Por não ser habitual aos professores. Depender de infraestrutura de equipamentos e rede banda larga que muitos DOCENTES NÃO POSSUEM.

A falta de acesso de alunos e professores pelos maus variados motivos, bem como a falta de uma programação de atividades interdisciplinares com a finalidade de não deixarmos os alunos totalmente fora do âmbito escolar, não como uma ferramenta simplesmente didática. Esse seria um momento perfeito para uma inovação de ensino, por meio de valores, textos reflexivos, debates, matemática financeira, atividades voltadas para o meio ambiente etc. Não era momento de se pensar em perder o ano letivo, mas sim de ganhar a humanidade por meio da Educação.

Tudo. Os estudantes têm dificuldades de acesso. Não é possível garantir um ambiente de ensino e aprendizagem digno. Muitos estudantes não conseguem acessar. Ainda há uma supervisão geral do seu trabalho e conteúdo, visto que não há como postar atividades privadas para as turmas, mas todos os professores, coordenadores e direção podem ver o que você coloca na plataforma. Isso gera um processo de fiscalização e autocensura.

A falta de uma estrutura pensada, previamente, para atender alunos somente a distância e a falta de recursos, experimentada pelos alunos, para acompanhar as atividades. Neste contexto, o processo apresenta linhas com características duplamente excludente.

Contudo, a aparência de infraestrutura por parte do aluno e de alguns professores impedem que a plataforma funcione como deveria. Temos ainda a dificuldade que muitos alunos encontram de acessá-la, seja por encontrarem problemas na matrícula e e-mail, seja pela falta de conhecimento e intimidade com estes recursos tecnológicos. Este modelo afeta os estudantes da EJA que enfrentam uma maior dificuldade e responsabilidades com trabalho e atividades domésticas, sobretudo em contexto de pandemia.

É uma ação excludente. Seja por falta de material, de familiaridade com a tecnologia, ou de dinheiro para possuir um pacote de internet, a grande maioria dos alunos não estão tendo acesso à plataforma. Em uma turma de 35 alunos apenas 3 estão acessando. Portanto, é uma ação excludente.

Exclusão social e digital, imposição vertical sem discussão com a comunidade escolar, falta de orientação para quem não possui o mínimo acesso à internet, aos quilombolas, comunidades indígenas, pessoas portadoras de dificuldades especiais, uso de uma plataforma internacional que não sabemos qual uso que fará dos dados de docentes e discentes, necessidade de cuidado com segurança alimentar, de saúde, além da falta de equipamentos básicos (como PCs, notebooks ou notebooks) para seu uso, docentes e discentes sendo cobrados além de sua capacidade de adaptação ou de resolução dos problemas, docentes e discentes sofrendo de ansiedade, violência doméstica se acentuando em tempos de isolamento social, entre outras questões que impedem um pleno e correto uso deste modelo de ensino.

Ainda é uma educação excludente, já que uma grande maioria da população não tem condições de usufruir dessa ferramenta, por diversos motivos, sejam estruturais até emocionais diante da condição de vida em que estão e continuam vivendo.

A ansiedade em torno do processo como um todo. Trabalho como GLP no turno da noite. Sinceramente, eu não gostaria que eles ficassem toda a quarentena sem nenhum contato com o mundo escolar. Meus alunos são adolescentes e adultos e a falta de contato causaria uma perda de vínculo muito rápida. Entretanto, essa solução não abarca toda a realidade da rede. Há alguns professores que só entopem a plataforma de exercícios, sem levar em conta as outras disciplinas, a conexão e até mesmo o emocional deles. Empatia nesse processo é fundamental. Há alguns alunos que mesmo tendo acesso se recusam a entrar na plataforma. Alegam que vão esperar o retorno para então colocar todo o material em dia. Quando retornarmos, não sei mesmo como será. Isso me assusta, tendo em vista que não teremos recesso e parte da minha sanidade mental já foi embora.

O aprofundamento da desigualdade social, visto que professores estaduais não foram preparados para a utilização da plataforma e não sabem preparar conteúdo para a prática educacional diferenciada que um ensino à distância se propõe a oferecer. Mais que isso, retira completamente o direito a educação de famílias sem acesso à internet e/ou a computadores/smartfones. E gera uma situação no qual exige que professores comprem aparelhos com o dinheiro de seu próprio bolso para trabalhar, algo que é impensável em qualquer realidade de emprego no mundo.

A maioria dos meus alunos não possui acesso à internet. Mesmo aqueles que receberem um material impresso pelos correios, não receberão um conteúdo idêntico ao que eu estou postando. Não realizarão os mesmos tipos de exercícios e tarefas.

Mesmo com todo o material explicativo professores e alunos não conseguem aprender tão rápido assim, teríamos de ter tido uma preparação juntamente com aulas presenciais, isso pode causar traumas em alunos que se sentem incapazes de acompanhar aulas utilizando a tecnologia como ferramenta.

Muitos alunos não sabem ou não conseguem acessar pq não tem recursos, a plataforma nos faz trabalhar muito mais e perdemos o mais importante: o contato e a troca presencial. A interação entre os alunos e dos professores com os alunos

Temos diversos pontos negativos: 1. Falta de formação prévia para utilização; 2. Falta de equipamentos adequados; 3. Falta de acesso à internet de qualidade e ilimitada, muitos alunos possuem planos de dados que são pré-pagos e só tem acesso a WhatsApp e Facebook; 4. Ampliação da desigualdade entre os alunos que tem acesso e os que não possuem; 5. Diferença nos conteúdos on-line em comparação ao material impresso que foi prometido ser enviado aos alunos; 6. Alto investimento financeiro na compra de horário na TV e chips de internet que poderiam ser destinados a compra de alimentos para os alunos e familiares.

Para começar, o google Classroom, assim como outras plataformas digitais, são ótimas como COMPLEMENTO da atividade presencial. Aliás, o google Classroom foi pensado para colaborar na Educação Híbrida (presencial + online). Mas está sendo utilizado como PRINCIPAL modalidade de educação. Não houve treinamento dos profissionais. Eu reuni um grupo de amigos no WhatsApp que estavam interessados em aprender, criei uma vídeo chamada no Skype e compartilhei o pouco que sabia com eles. Desde então, temos nos encontrado virtualmente uma vez por semana para tirar dúvidas e pensarmos juntos estratégias técnicas para resoluções de problemas na plataforma. Sobre os alunos, o fato deles terem um celular não significa que: 1) eles tenham acesso regular à internet; 2) que eles saibam utilizar bem ferramentas digitais; 3) que as condições familiares e residenciais sejam propícias para esse tipo de estudo. Quanto ao computador, pouquíssimo tem essa ferramenta. Os poucos que tem acessado à plataforma é pelo celular mesmo. Eles tiveram dificuldades em acessar o e-mail criado pela SEEDUC. Muito não estão familiarizados. O que usam com regularidade são aplicativos como: WhatsApp, instaram e Facebook. Também não houve um treinamento para os alunos utilizarem a plataforma. Enviaram apenas uma apostila em PDF. Muitos alunos procuraram os professores por Facebook ou WhatsApp para perguntar como fariam. Mas como responder a isso, se nem nós tivemos treinamento? E por falar em WhatsApp, há alguns anos utilizo um chip profissional c/ WhatsApp para ter contato com as turmas. Descobri que essa era a melhor ferramenta digital para o contato com eles. Mas gostaria de ressaltar que isso foi feito com RECURSOS E INICIATIVA PRÓPRIA. Nunca tive QUALQUER APOIO para a realização dessas estratégias. Com relação a participação dos alunos, é um número bem pequeno que está conseguindo manter a frequência e realizar as atividades. Inúmeros são os problemas: falta de internet, problemas com o aparelho, problemas financeiros e familiares, doença, falta de um local adequado para o estudo, fome, e FALTA DE VONTADE... Não temos uma estrutura educacional que ensina os alunos a estudarem por si sós. Isso demanda tempo, técnica, acompanhamento próximo. Tive sorte de, no começo do ano, ter ensinado às minhas turmas a fazerem notas de aula (para não só copiar o que eu mandar), a fazerem Mapas Mentais para estudarem. Isso tem sido utilizado por eles nas atividades que tenho solicitado. Mas como o número de alunos que entrega é pequeno, não posso falar que seja um sucesso... Além disso, em outras tarefas, noto que os textos foram copiados e colados da internet. Quando consigo descobrir a fonte, eu sinalizo para o aluno e peço para que refaça.

Muitos alunos não sabem ou não conseguem acessar pq não tem recursos, a plataforma nos faz trabalhar muito mais e perdemos o mais importante: o contato e a troca presencial. A interação entre os alunos e dos professores com os alunos
A desigualdade social, sabemos que nem todos tem acesso à internet, computadores, tablets, etc. Muitos assistem e fazem os trabalhos pelo celular, não sei como, é MT sofrimento. Na rede particular os alunos e professores tiveram aulas presenciais para aprenderem usar as ferramentas, no nosso caso, é novo pra todo mundo, tanto pra nós professor quanto para os alunos. Cerca de 2/3 dos alunos não acessam a Plataforma. Os poucos que nos dão retorno, tiram dúvida, dizem que enviaram o trabalho e do agente vai olhar não tem nenhum documento arquivado. O aluno diz que enviou, o professor diz que não recebeu, enfim, são questões difíceis de serem lidas durante esse período de isolamento.

A exclusão de milhares de estudantes. O descumprimento da LDB. A improvisação de cursos, de atividades, de contratação de plataforma e de assédio aos profissionais da educação para acessarem a plataforma.

O não treinamento para trabalhar com a plataforma, a falta de distribuição de equipamentos, assim como a não disponibilidade de meios de acesso à internet, fora o caso gravíssimo de alunos que não dispõe de meios para acessar os conteúdos.

A falta de acesso à tecnologia por questões sociais, muitos encontram-se excluídos do processo, e quem acessa encontra dificuldades por não conhecerem a ferramenta pedagógica e suas utilidades

7. Se você atua na EJA, que material didático e qual matriz curricular você usa?

Apesar de essa pergunta ser aberta aos comentários e reflexões dos professores, foi possível criar categorias para as respostas. Dentre todos os docentes que responderam ao questionário, 76 atuam na EJA e apontam uma convergência nas respostas, que se dividiram em percentual da seguinte forma:

Currículo Mínimo	22,3%	Materiais próprios coletivamente	6,6%
Material do CECIERJ - NEJA	36,84%	Atividades Auto reguladas.	6,6%
Materiais próprios	11,8%	Livro didático do Ensino Médio	2,7%
BNCC	1,3%	Outros	9,2%

Considerações finais para continuar o debate

Consideramos que as opiniões dos professores e professoras consultados reforçam o posicionamento do Fórum EJA-RJ em relação à educação remota proposta pela SEEDUC/RJ, principalmente aquelas em torno das dificuldades de acesso dos docentes e discentes a essa estrutura educacional, o que rompe com um elemento basilar nas políticas públicas educacionais de caráter universal, que é a igualdade de acesso à experiência escolar, o que, apesar das muitas críticas que podemos fazer às realidades educacionais diversas na SEEDUC, é garantido na experiência escolar presencial. Nesse sentido, diferentes questões e problemas se apresentam na solução de garantia de educação e letividade conduzida pela SEEDUC/RJ. A escola tem um importante papel nesse momento, que é a fundamental manutenção de seus laços com sua comunidade, porém não podemos confundir isso com dias/horas letivas.

O Fórum EJA-RJ aponta que o quantitativo de 155 respostas, embora não contemple a maioria de todo o quadro docente da SEEDUC/RJ, apresenta uma amostra importante que expressa suas reflexões, dúvidas e questionamentos, qualifica o debate e auxilia na análise dessa educação em tempos de pandemia proposta pelo estado do Rio de Janeiro. Acreditamos que dois pontos são fulcrais para pensarmos sobre a validade ou não dessa letividade na educação remota: 1) o questionário apresenta o alerta feito pelos professores de que **menos de 20% dos alunos tem acessado à plataforma**, 2) os professores reconhecem um processo de exclusão e

aprofundamento da desigualdade e ainda se sentem perdidos diante das orientações curriculares. Diante disso, realmente o direito à educação está sendo garantido?

Portanto, é mais que urgente o debate e a escuta dos diferentes sujeitos que estão vivenciando essa experiência. Ademais, todas as demandas incutidas aos professores/as e alunos/as nesse momento desconsideram as dificuldades, as perdas, as fragilidades e a saúde mental desses sujeitos. Por fim, agradecemos aos professores/as que participaram da nossa consulta e aos militantes que se esforçaram na sua divulgação. Seguimos em luta pela educação como direito para todos os jovens, adultos e idosos no nosso Estado.

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos.
É como sujeito e somente enquanto sujeito,
que o homem pode realmente conhecer.
Paulo Freire